



LIPPOLD, Walter. *Fanon e a Revolução Argelina* (2022). 3ª ed. revisada e ampliada. Niterói: Editora Proprietas/INCT/CNPq/FAPERJ, 180 pp.

Deivison MENDES FAUSTINO*

A obra *Fanon e a Revolução Argelina*, lançada no Brasil e em Portugal pela Editora Proprietas, tem muitos méritos e não poderia ter sido escrita por um intelectual mais qualificado. Walter Lippold dedicou a sua vida à docência, ao hacktivismo, em defesa do conhecimento livre, mas, sobretudo, ao estudo e difusão do pensamento de Frantz Fanon no Brasil. O seu trabalho com o professor Orson Soares junto ao Coletivo Fanon, desde 2004, disponibilizando textos fanonianos, datam um período em que o nome desse autor ainda não era tão conhecido como agora. Nada mais justo que ele se interessasse, em sua pesquisa seminal, pela relação do revolucionário martinicano Frantz Omar Fanon (1925-1961) com a produção coletiva e circulação de ideias revolucionárias durante a luta de libertação da Argélia. A sua aposta – e veremos que ele tem razão – é que esse processo tem muito mais a ver conosco e com os nossos dias do que possamos imaginar.

Mas um livro não se justifica, apenas, pela importância e intenções de seu autor, mas sim pela sua contribuição a determinado campo de saber. É exatamente aqui que repousa o maior dos méritos do livro. Em primeiro lugar, essa obra se distingue pela pouca existência de estudos sobre as lutas de libertação africana no Brasil, sobretudo, em relação à experiência argelina. Como se não bastasse, os poucos estudos existentes focam em intelectuais franceses como Sartre, Beauvoir, Camus e Bourdieu, e não os processos endógenos à própria revolução magrebina. Como será demonstrado brilhantemente por Lippold, no entanto, os acontecimentos por ele estudados foram decisivos para a história passada e recente do Brasil. Em segundo lugar, o estudo se agiganta pela contribuição singular que oferece ao entendimento da vida e obra de Frantz Fanon. Neste caso, pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, que o presente trabalho é um divisor de águas entre os chamados *Fanon Studies*.

Ao se formar em psiquiatria pela Universidade de Lyon e, posteriormente, realizar residência médica no Hospital de Saint Alban – sob a supervisão do psiquiatra marxista François Toscaquelles (1912-1994), o jovem martinicano Frantz Fanon se dirigiu à Argélia, em 1953, para atuar como chefe do hospital psiquiátrico de Blida-Joinville. Na África magrebina, entre um experimento antimanicomial e outro viu eclodir sob seus olhos, no ano seguinte, a luta de libertação argelina. Os acontecimentos políticos e militares da Argélia revolucionária foram decisivos para este jovem que alguns anos atrás escrevia em seu primeiro livro, intitulado *Pele negra, máscaras brancas*, que a “desalienação do negro” seria possível apenas a partir de uma “reestruturação do mundo”.

Como qualquer revolução social, a guerra de independência da Argélia não permitia a indiferença de seus contemporâneos. O mais provável é que desde o primeiro momento Fanon tenha tomado partido dela, clandestinamente recebendo e abrigando militantes torturados no hospital ou treinando outros em técnicas de primeiros socorros e até, em alguns casos, em táticas psíquicas de

* Brasileiro. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil. Autor de *Frantz Fanon, um revolucionário particularmente negro* (Ciclo Contínuo, 2018), *A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos* (Intermeios, 2020) e *Fanon e as encruzilhadas* (UBU, 2022).

resistência à tortura. No entanto, quando as condições de permanência se tornaram impossíveis, o jovem psiquiatra rompe oficialmente com a administração pública e passa a ser perseguido pelo exército e pelos grupos paramilitares franceses, se refugiando com a sua família na Tunísia. É aqui, pois, que inicia o período e o objeto investigado por Lippold.

A Guerra da Argélia não foi um evento isolado. Ocorrida entre 1954 e 1962 – parte fundamental da vida intelectual de Frantz Fanon – ela foi influenciada e influenciou acontecimentos decisivos da história mundial no século XX, como a Revolução Russa (1917), o Congresso de Baku, Azerbaijão (1921), o V Congresso Pan-Africano, Manchester (1945), a Guerra da Coreia (1950-1953), a Revolução Chinesa (1949), a Guerra do Vietnã (Indochina) e a derrota francesa de Dien Bien Phú (1954), a perda francesa do Marrocos e Tunísia, a conferência de Bandung (1955), a independência de Gana (1957), a Revolução Cubana (1959), entre outros eventos.

O jornal *El Moudjahid* foi o órgão oficial de propaganda revolucionária da Frente de Libertação Nacional (FLN) e do Governo Provisório da República Argelina (GPRA). Sua redação era exclusivamente coletiva e anônima, com diversos intelectuais argelinos e estrangeiros solidários com a causa argelina. Quando Fanon chega à Tunísia, já em 1957, ele assume três funções importantes à revolução argelina: a primeira era seguir como médico psiquiatra, primeiramente no Hospital de La Manouba e, posteriormente, no Hospital Geral Charles-Nicolle, em Tunis. Ali, enquanto seguia com suas pesquisas antimanicomiais, Fanon atendia combatentes argelinos feridos ou com transtornos mentais ou prestava serviços médicos no campo de batalha com frequência. A segunda tarefa de Fanon na FLN/GPRA era atuar como embaixador argelino junto aos demais países magrebinos e, sobretudo, da África sul-saariana. O trânsito deste intelectual originalmente martinicano junto ao movimento da *Négritude*, muito bem observado por Lippold, foi fundamental para o fortalecimento de parcerias pan-arabistas e pan-africanas.

A terceira tarefa, e não menos importante, era atuar como colaborador do jornal *El Moudjahid*. Uma das grandes contribuições da obra de Lippold é evidenciar a redação do jornal como o nó principal de uma rede intelectual, onde circularam ideias sobre africanidade, colonialismo, violência, islamismo, revolução, independência, anticolonialismo, novo humanismo. Mas para tal, ele insere magistralmente o leitor na conjuntura histórica que precede a revolução argelina, remontando à ocupação francesa em 1847 e a anexação oficial da Argélia em 1865, para então problematizar os antecedentes da revolução marcados pelos conflitos de Sétif e Ghelma, em 1945 e, posteriormente, a criação da UDMA (União Democrática do Manifesto Argelino) por Ferhat Abbas. O objetivo de Lippold é contextualizar a escolha posterior de Fanon e da FLN pela luta armada. As tentativas argelinas de acessar as benesses políticas, sociais e econômicas da *République Française* eram sempre recebidas com violenta repressão.

Assim, líderes nacionalistas argelinos antigos se reúnem, renunciam a suas rivalidades e criam em 1º de novembro de 1954 “o Comitê Revolucionário de Unidade e Ação (CRUA) que será a base para a criação da FLN e o seu braço armado, o ELN” (LIPPOLD, p. 43). O passo seguinte, cuidadosamente analisado por Lippold, será o papel da Conferência de Soumman (1956) na revolução argelina. A conferência não apenas redefine o lugar da propaganda revolucionária como prioridade no interior das lutas independentistas como também tem um papel decisivo nas disputas políticas internas à FLN. Essa redefinição enfraqueceu os setores militares, enfureceu o futuro presidente da Argélia Ahmed Ben Bella (1916-2012) e fortaleceu a liderança de Abane Ramdane (1920-1957).

Essa polarização é decisiva para o entendimento das disputas políticas que ocorreram no interior da revolução argelina, sobretudo, para Fanon, que se tornou amigo de Ramdane. O líder argelino foi assassinado em 1957, possivelmente por seus congêneres, por conta dessas mesmas disputas

políticas. Neste momento tenso de disputas, Walter Lippold nos coloca o mais próximo possível da mesa de redação do jornal para acompanhar o clima entre os militantes, intelectuais orgânicos de uma revolução em curso, que tinham que equilibrar seus afetos pessoais e a entrega à causa do povo argelino. A versão oficial do jornal, não contestada por Fanon, conta-nos Lippold, é a de que Ramdane teria sido morto pelos franceses.

Um elemento digno de nota é que o leitor tem em mãos a análise imanente dos escritos atribuídos a Fanon durante um período fulcral de seu desenvolvimento político e teórico. Encontramos no jornal *El Moudjahid*, um importante laboratório político e sociológico que conecta um conjunto de preocupações e perguntas, já esboçadas em *Pele negra, máscaras brancas*, mas que só puderam encontrar respostas históricas com a eclosão da revolução argelina, que Fanon não viveu para ver concluída. Uma das preciosidades deste estudo está em abordar conjuntamente os textos deste período. Isto é relevante porque, por uma série de razões editoriais e históricas, eles chegaram até nós separadamente, uma parte através do *Por uma revolução africana: textos políticos* e outra parte através dos *Escritos políticos*.

Outro aspecto fundamental que enaltece a importância desse estudo é a relevância da Argélia para o entendimento da história recente de países sul-americanos como Brasil, Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai. Apesar de sabermos tão pouco sobre as revoluções africanas em geral, e a argelina, em particular – Lippold comenta criticamente os significados desse silêncio – a independência da Argélia não apenas chamou a atenção como foi decisiva, tanto para a esquerda quanto para a direita mundial (sobretudo a estadunidense). Reunindo uma série de fontes historiográficas, Lippold evidencia que um ano após a morte de Fanon em 1961, a Argélia conquista a sua independência e se converte no grande centro mundial de revolucionários, atraindo exilados e dissidentes, militantes de esquerda brasileiros, argentinos, portugueses, angolanos, inclusive quadros dos Panteras Negras.

Ao mesmo tempo, os militares estrategistas franceses da Batalha de Argel, como o Coronel Roger Trinquier (1908-1986), eram convidados pela CIA para sistematizar e ensinar seus experimentos – sobretudo, no que tange à prática “científica” da tortura em massa como forma de guerra política – naquilo que ficou conhecido posteriormente como “guerra moderna”. Como informa Lippold antes de fazer uma análise minuciosa das teses de Trinquier:

Foi usado como material de estudo por militares dos Estados Unidos, Argentina e Brasil, juntamente com o filme *A Batalha de Argel* (1966), que se tornou obrigatório nas aulas sobre guerra contrarrevolucionária, guerra não-convencional. O filme também foi usado no século XXI como material didático para treinar oficiais para as Guerras do Iraque e Afeganistão, em suma para a “Guerra ao Terror” ou “Guerra de Quarta Geração”. O mundo nascido após o atentado ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, parece levar os militares e intelectuais do *think tank* ligado ao complexo militar-industrial estadunidense a revisitar e repensar os clássicos da contra-insurgência, como os livros de Galula (2005; 1964) para as operações militares no Iraque e no Afeganistão e o conceito de Guerra ao Terror. Não é à toa que a exibição do filme *A Batalha de Argel*, era (é?) obrigatória em West Point, pois ensina aos militares estadunidenses lições sobre o funcionamento de organizações que se utilizam do terrorismo e sobre métodos pertinentes de combate a elas. *A Batalha de Argel*, filme político e crítico ao colonialismo francês, tornou-se, contraditoriamente, material didático de formação para militares nas Américas, que buscavam nas imagens de

Pontecorvo, no roteiro de Solinas, os aspectos da organização da Frente de Libertação Nacional argelina, oriundas do texto original de Yacef Saadi. (LIPPOLD, p. 49)

O livro de Lippold é um presente para o leitor interessado em África, Frantz Fanon, estudos islâmicos, circulação de ideias revolucionárias e redes intelectuais, ou mesmo, na revolução proletária mundial, pois articula esses temas de maneira brilhante, à medida em que o próprio objeto analisado os apresenta articulados em uma totalidade concreta. A partir daí, o autor nos examina em detalhes as 1292 publicações do jornal, seus temas, contextos, e sobretudo, os possíveis textos atribuídos à Fanon. O trato de Lippold com as fontes, oferecendo-nos uma imagem das capas das edições é primoroso e bastante elucidativo dos temas abordados em cada edição analisada. As imagens reunidas também merecem destaque. A grande tese que estrutura o trabalho é a de que Fanon influenciou e foi influenciado por uma rede intelectual que envolvia a edição do jornal, rede composta por um sujeito coletivo de intelectuais orgânicos engajados na causa da revolução argelina e mundial.